

# Mulheres, Geografia e Saúde: plantas medicinais e benzeção como alternativas de cura no território Kalunga<sup>1</sup>

Women, Geography and Health: medicinal plants and blessing as healing alternatives in the Kalunga territory.

Des femmes, Géographie et Santé: plantes médicinales et bénédiction comme des alternatives de guérison dans le territoire Kalunga.



**Jorgeanny de Fatima Rodrigues Moreira**

Universidade Federal do Tocantins, Câmpus Arraias, Arraias, Tocantins, Brasil.

[jorgeannyf@gmail.com](mailto:jorgeannyf@gmail.com)

**Resumo** No território Kalunga, as mulheres são responsáveis pelo cuidar das famílias e da comunidade. Uma destas responsabilidades é delegada às guardiãs dos saberes que detêm o saber-fazer remédios caseiros e a benzeção. Numa perspectiva decolonial, os saberes populares são analisados como medidas paliativas de apaziguamento das enfermidades nos quilombos em Monte Alegre de Goiás. Partindo de uma abordagem qualitativa investigou-se qual a relação destas mulheres com a promoção e o cuidado da saúde naquele território. O artigo conta com resultados preliminares da pesquisa de pós-doutoramento que teve início com levantamento bibliográfico, e numa segunda fase com atividades de campo, onde aplicou-se a observação participante e entrevistas semiestruturadas. Observou-se que as alternativas adotadas são responsáveis pelo alívio de doenças que afligem os quilombolas. A distância e a dificuldade de acesso aos centros urbanos, bem como a pouca infraestrutura dos órgãos de saúde, contribuem para a resistência do conhecimento popular pelos grupos ainda subalternizados.

**Palavras-Chave:** Quilombo, Cerrado, Ancestralidade.

**Abstract** In the Kalunga territory, women hold the responsibility for caring for families and the community. One of these responsibilities is entrusted to the guardians of knowledge who possess the know-how of preparing

homemade remedies and performing blessings. Through a decolonial perspective, popular knowledge is analyzed as palliative measures to alleviate illnesses in the quilombos of Monte Alegre de Goiás. Employing a qualitative approach, this study investigates the relationship of these women with the promotion and care of health in that territory. This article presents preliminary results from a post-doctoral research that began with a bibliographic review and, in a subsequent phase, involved field activities, including participant observation and semi-structured interviews. It was observed that the adopted alternatives are responsible for alleviating diseases afflicting the quilombolas. The distance and difficulty of access to urban centers, as well as the limited infrastructure of health institutions, contribute to the resilience of popular knowledge among still marginalized groups.

**Keywords:** Quilombo; Cerrado; Ancestry

**Restumé** Dans le territoire Kalunga les femmes sont les responsables par le soin des familles et de la communauté. Une de ces responsabilités est confiée à des gardiennes des savoirs qui detiennent le savoir-faire de remèdes maison et de la bénédiction. Sous une perspective décoloniale, la sagesse populaire est comprise comme mesure palliative d'apaisement des infirmités dans les quilombos à Monte Alegre de Goiás. À partir d'une approche qualitative on a vérifié la relation entre ces femmes et la promotion et le soin de la santé à ce territoire. L'article présente quelques résultats préalables de la recherche post-doctorant qui a débuté par la collecte de matériel bibliographique et dans une deuxième étape on a fait des recherches sur le terrain où on a mis en oeuvre l'observation participative et des entretiens semi-structurés. On a observé que les alternatives adoptées sont responsables par le soulagement des maladies qui tourmentent les quilombolas. La distance et la difficulté d'avoir l'accès aux centres urbains, aussi comme l'infrastructure faible des agences de santé, contribuent à la resistance contre la sagesse populaire par les groupes encore renvoyés à un rôle subalterne.

**Mots Clés:** Quilombo; Savane; Ancestralité.

## Introdução

As práticas de cura por meio das plantas medicinais e por rituais de rezas e orações (benzeção) são recursos utilizados desde a Antiguidade. Eram alternativas encontradas por grupos sociais que viviam à margem de sociedades extremamente excludentes. A medicina oficial era estudada e praticada pelos grupos dominantes, e destinada aos indivíduos, social e economicamente, privilegiados. As classes mais abastadas negavam o direito à saúde às classes subalternizadas compostas pelos sujeitos mais pobres e escravizados. Diante disso, sujeitos, que detinham saberes e visões de mundo enraizados nos aspectos naturais e religiosos, praticavam alternativas de cura “desde que estes fossem considerados dentro de uma representação coletiva, ganhando a insígnia de sábios(as), feiticeiros(as), curandeiros(as), benzedores(as), raizeiros(as), dentre outros” (Dias; Mendonça, 2020, p. 264).

A busca por alternativas médicas permitiu que os indivíduos que não usufruíam do acesso à medicina oficial adquirissem outros meios para a cura e alívio das enfermidades. Dias e Mendonça (2020) chamam a atenção para as “alternatividades e tradicionalidades” nas práticas em saúde para se referirem às alternativas encontradas por maioria da população que ainda vive à margem de uma sociedade excludente e desigual. Os autores consideram os conhecimentos populares como causas e fenômenos aliados aos microespaços que podem prejudicar ou contribuir positivamente com a área da saúde.

As afirmações de Dias e Mendonça (2020) corroboram para esta pesquisa, pois vão ao encontro de um pensamento decolonial, em detrimento do pensamento e racionalidade científica que não fazem sentido para as comunidades tradicionais do interior do Brasil. Bourdieu (2015, p. 311) argumenta sobre o modelo de reprodução científica, principalmente pela academia, que trata de “legitimar e hierarquizar o conhecimento, de forma que o saber popular seja ignorado ou desacreditado”.

## Mulheres, Geografia e Saúde: plantas medicinais e benzeção como alternativas de cura no território Kalunga

Jorgeanny de Fatima Rodrigues Moreira

Em decorrência disso, os saberes populares e as visões de mundo das comunidades tradicionais do interior do país, que mantêm a sobrevivência baseada no cultivo e na manipulação da terra e das plantas, são vistos como saberes menores e não dignos de reconhecimento. Alves (1981, p. 16) explica que “o senso comum e a ciência são expressões da mesma necessidade básica, a necessidade de compreender o mundo, a fim de viver melhor e sobreviver”. Em consonância, compreende-se, a fim desse estudo, que os conhecimentos populares provenientes da tradição oral, portanto, da ancestralidade dos povos originários, são dignos e respaldados pela cosmovisão.

Pretende-se, com a pesquisa proposta, partir de um pensamento decolonial que “cria a expectativa de um diálogo entre os saberes tradicionais e os saberes científicos, onde dúvidas da ciência são respondidas pelo conhecimento popular e vice-versa” (Santos; Carvalho, 2018, p. 73). Ainda, conforme Mendonça, (2019, p. 138), “a abordagem decolonial nos leva a contribuir para o empoderamento do conhecimento de populações tradicionais que coexistem com o marco da modernidade, mesmo com a base eurocêntrica do conhecimento”.

Em relação ao campo da saúde, o conhecimento científico se reverbera em forma de poder, quando a medicina desacredita os saberes tradicionais sobre as plantas, e outras formas de cura, colocando-os em posição subalterna. Dessa forma, o conhecimento científico é balizado para propagar o preconceito em relação ao saber popular dos povos originários e de comunidades cuja ancestralidade emerge da cultura de matriz africana e indígena. Há, portanto, a necessidade de viabilizar o diálogo entre a academia e as comunidades tradicionais, em que valha a pluralidade de saberes a fim de descolonizar o pensamento pautado na racionalidade científica eurocêntrica.

Assim sendo, propõe-se um estudo sobre as plantas medicinais e a benzeção no território quilombola Kalunga em Goiás, mais especificamente

## Mulheres, Geografia e Saúde: plantas medicinais e benzeção como alternativas de cura no território Kalunga

Jorgeanny de Fatima Rodrigues Moreira

no município de Monte Alegre de Goiás onde é desenvolvido o projeto de extensão *Cerrado e Cultura: a economia social e criativa na reprodução socioeconômica de mulheres quilombolas e camponesas*, cujas ações são financiadas pelo Ministério das Mulheres. Este projeto é fruto da parceria entre as equipes do Laboratório das Dinâmicas Territoriais do Instituto de Estudos Socioambientais da Universidade Federal de Goiás (LABOTER/IESA/UFG), da Universidade Federal do Tocantins (UFT) e da Universidade Federal de Sergipe (UFS). O escopo do projeto prevê o intercâmbio entre os saberes acadêmico e popular, tendo como objetivo central a democratização do conhecimento científico com a participação efetiva da comunidade, e neste caso as comunidades quilombolas do nordeste goiano. Destarte, o público-alvo são as mulheres quilombolas e camponesas que desempenham papel produtivo e reprodutivo no campo.

Com o desenvolvimento das ações de extensão, surgiu a necessidade de investigar informações e dados coletados no território Kalunga corroborando para uma pesquisa de pós-doutorado junto ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Sergipe, onde temas como a saúde e o bem-estar das comunidades quilombolas foram pesquisados, resultando no estudo que aqui se apresenta. Sendo assim, buscou-se investigar, a partir de uma abordagem qualitativa e humanista, qual a relação das mulheres, guardiãs dos saberes, com a produção de alternativas para a promoção e o cuidado da saúde dos quilombolas Kalunga, tendo em vista os conhecimentos populares sobre as plantas medicinais e os rituais de benzeção naquele território.

A pesquisa é qualitativa, uma vez que “trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes” (Minayo, 1993, p. 21) e foi dividida em quatro etapas, a saber: primeiro, foi realizado um levantamento bibliográfico sobre os conceitos e temas como o de cuidado, medicina alternativa, plantas medicinais e saberes tradicionais de cura, além de uma análise de publicações realizadas sobre o

## Mulheres, Geografia e Saúde: plantas medicinais e benzeção como alternativas de cura no território Kalunga

Jorgeanny de Fatima Rodrigues Moreira

território Kalunga. Somou-se à revisão bibliográfica a atividade em campo calcada nos métodos etnográficos, como a observação participante, as entrevistas semiestruturadas e a história oral, registrados em diário de campo, em seis diferentes ocasiões, no período que compreende 2020-2022. Após, partiu-se para a tabulação dos dados com o confronto teórico-metodológico e empírico; e por último a escrita do texto durante o último trimestre do período de pós-doutoramento. As entrevistas foram realizadas com as mulheres indicadas pelos moradores das comunidades, consideradas guardiãs dos saberes ou matriarcas. Apesar do projeto contar com a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), algumas entrevistadas solicitaram que não tivessem as suas identidades reveladas, portanto, cuidou-se para que o perfil fosse registrado com cautela para garantir o anonimato.

Observou-se que, de fato, as alternativas adotadas pelas guardiãs dos saberes tradicionais são responsáveis pelo apaziguamento e/ou alívio dos sintomas de possíveis enfermidades que afligem os moradores. A distância e a dificuldade de acesso aos centros urbanos, como estradas ruins e a falta de transporte, bem como a pouca infraestrutura dos órgãos de saúde, contribuem para a manutenção e resistência das práticas da medicina popular nas comunidades tradicionais.

### Caracterização da área de estudo

O território Kalunga está localizado no Sítio Histórico do Patrimônio Cultural Kalunga, criado pela Lei Estadual nº 11.406, de 21 de janeiro de 1991 (Goiás, 1991) e regulamentada pela Lei Complementar nº 19, de 5 de janeiro de 1996 (Goiás, 1996), sendo denominada pela Fundação Cultural Palmares como uma sociedade de afrodescendentes ou de remanescente de quilombolas, e atualmente representa o maior quilombo no Brasil distribuído em 262 mil hectares. Ainda, conforme a Fundação Palmares (Brasil, 2015), o território é constituído por 39 comunidades, situadas nos

## Mulheres, Geografia e Saúde: plantas medicinais e benzeção como alternativas de cura no território Kalunga

Jorgeanny de Fatima Rodrigues Moreira

municípios de Monte Alegre de Goiás, Teresina de Goiás e Cavalcante, na microrregião da Chapada dos Veadeiros, além do Quilombo Kalunga do Mimoso situado nos municípios de Arraias e Paranã, na microrregião das Serras Gerais, no Estado do Tocantins (Figura 1).

Com a divisão dos estados de Goiás e Tocantins em 1988, parte do território Kalunga se manteve no sudeste tocantinense. As comunidades localizadas no nordeste goiano tiveram o seu reconhecimento e tornaram-se Sítio Histórico do Patrimônio Cultural Kalunga, conforme legislação acima mencionada. Por outro lado, as comunidades localizadas no Tocantins só foram reconhecidas pela Fundação Cultural Palmares em 2005, e em 2010 o Governo Federal decretou a criação do Território Quilombola Kalunga do Mimoso distribuído nos municípios Arraias e Paranã, conforme explica Khidir (2018) em sua tese de doutoramento.

**Figura 1:** Território Kalunga



**Fonte:** KHIDIR, 2018.

Toda a área do território quilombola Kalunga está situado no bioma Cerrado. Almeida (2010, p. 38) descreve a região como “particular pela

## Mulheres, Geografia e Saúde: plantas medicinais e benzeção como alternativas de cura no território Kalunga

Jorgeanny de Fatima Rodrigues Moreira

presença de uma natureza cerradeira dominante”, e “as bacias do rio Paranã e do rio Almas irrigam essas áreas”. Almeida dedicou mais de vinte anos de sua carreira acadêmica a pesquisar e desenvolver projetos de extensão no território Kalunga, principalmente nas comunidades quilombolas do nordeste goiano, que, para a autora, possui uma “rica toponímia que designa as serras, os rios, os vãos e os agrupamentos de casas, remete-se a uma construção subjetiva, a um símbolo natural ou cultural do lugar em questão” (Almeida, 2010, p. 39).

O Sítio Histórico e Patrimônio Cultural Kalunga possui características geomorfológicas que dificultam a produção agrícola. De acordo com o Zoneamento Geoambiental e Agroecológico de Goiás – Região Nordeste (1995), os solos dessa região dependem de calagem e adubação para o cultivo. Ainda, 52,9% dos solos apresentam baixa fertilidade natural e 75,1% deles necessitam de suprimentos de calcário e magnésio. Isso demonstra que o processo de cultivo nos solos da microrregião da Chapada dos Veadeiros pode ter o custo elevado para a produção em grande escala.

Em algumas comunidades, localizadas em áreas de declive mais acentuado, tanto a pecuária como a agricultura ficam comprometidas pelo relevo acidentado associado a morros e colinas. Foi nesse espaço que as populações negras se estabeleceram ainda no período da mineração em Goiás. Após pesquisas realizadas no território Kalunga, Aguiar (2011, p. 10) explica que

[...] com base nas condições de altitude (hipsometria), solos (pedologia) e declividade, é possível perceber que mesmo sendo um território com grandes áreas de vegetação muito bem preservadas, e ainda estabelecendo relações quase que de simbiose com o ambiente natural, existe uma predominância de relevos elevados, com alto grau de inclinação, com poucos locais de solos que propiciam melhores condições de produção.

O clima da região é caracterizado pelas estações seca e chuvosa. Entre os meses de abril e setembro, o nordeste de Goiás apresenta o menor

## Mulheres, Geografia e Saúde: plantas medicinais e benzeção como alternativas de cura no território Kalunga

Jorgeanny de Fatima Rodrigues Moreira

índice pluviométrico (abaixo de 1250 mm) (Novais, 2020). No período chuvoso, a população enfrenta problemas com inundações devido à proximidade com os rios Paranã e Bezerra. As comunidades de Monte Alegre de Goiás são as mais afetadas pelos alagamentos, pois situam-se às margens do rio Paranã. Em decorrência, as comunidades desse território lidam com as vulnerabilidades naturais, e com base na resistência e resiliência, o povo Kalunga desenvolveu estratégias para retirar do ambiente natural do Cerrado os recursos necessários para a sobrevivência.

Ainda que as características geomorfológicas da microrregião da Chapada dos Veadeiros sejam hostis para a produção agrícola e criação de gado de corte, os Kalunga cultivam a terra, criam animais domésticos como galinhas, porcos e vacas, e realizam atividades extrativistas de frutos do Cerrado (baru, cagaita, mangaba, cajuzinho do Cerrado, e plantas medicinais para a fabricação de raizadas/garrafadas). Carril (2006) explica que

[...] o tema quilombo como todo tema ligado à diversidade cultural ou às culturas consideradas tradicionais, [...] convida, e, sobretudo, no campo da geografia, a uma relação específica quanto ao uso diferenciado dos recursos naturais, e, frequentemente, na contramão daquele que a sociedade dominante empreende ao apropriar-se dos mesmos recursos.

De acordo com a autora, as formas de apropriação dos recursos naturais nas comunidades tradicionais resultam-se da interação com o ambiente que as famílias encontraram na medida em que se refugiaram em áreas de florestas e matas, à montante de cachoeiras ou em serras. A cultura das populações locais explica-se pela sua relação com a natureza. Almeida (2016, s/p), por sua vez, observou particularidades na relação dos moradores dessas comunidades com os seus quintais. A autora explica que

## Mulheres, Geografia e Saúde: plantas medicinais e benzeção como alternativas de cura no território Kalunga

Jorgeanny de Fatima Rodrigues Moreira

[...] o quintal é o espaço singular do entorno das moradias no qual se produz a vida, pelo que se cria, pelo que se cultiva, pelo cuidado em sua manutenção e pelas várias atividades do labor e da socialização cotidianamente ali desenvolvidas. Nas comunidades rurais ele é a transição entre o domesticado e a natureza “mato”, no linguajar dos homens do campo (ALMEIDA, 2016, s/p).

Além das hortas, os Kalunga plantam suas roças. Em um rigoroso calendário agrícola cultivam arroz, feijão, fumo, cana-de-açúcar e mandioca. O território Kalunga, marcado pela luta de demarcação, titulação e de afirmação da identidade cultural também pode ser compreendido como um espaço camponês. Fernandes (2012, p. 746) contribui com tal afirmação ao postular que o espaço rural se transforma em “território camponês quando compreendemos que a relação social que constrói esse espaço é o trabalho familiar, comunitário, cooperativo, para o qual a reprodução da família e da comunidade é fundamental”.

A relação destas comunidades com a biodiversidade do Cerrado é peculiar, e representa um elemento importante na construção do território. Almeida (2003, p. 71) observou que este vínculo foi “importante na consolidação do território e na formulação de estratégias de desenvolvimento articulando uma nova relação entre natureza e sociedade em contextos globais da ciência, da cultura e da economia”. Concorda-se com a autora no que diz respeito a biodiversidade como território culturalizado, pois é apropriada pela cultura dos povos tradicionais, que desenvolvem estratégias de sobrevivência utilizando os recursos naturais.

Observou-se, a fim desta pesquisa, o papel social das mulheres na reprodução da vida, dos saberes e da cultura em quatro comunidades do território Kalunga em Monte Alegre de Goiás: Tinguizal, Riachão, Saco Grande e São Pedro. As mulheres Kalunga são detentoras dos saberes locais, são responsáveis por ensinar as danças, as rezas e também a manipulação das plantas medicinais. Assim transformam, por meio de seus saberes

## Mulheres, Geografia e Saúde: plantas medicinais e benzeção como alternativas de cura no território Kalunga

Jorgeanny de Fatima Rodrigues Moreira

tradicionais, a paisagem natural em uma paisagem cultural (autora do texto, 2013).

### As mulheres e as práticas alternativas de cura no Território Kalunga

Ao resistirem em suas práticas cotidianas como a manipulação das plantas, encontradas nas matas, e as rezas do catolicismo popular, as mulheres Kalunga mostram-se defensoras da cultura e dos saberes quilombolas. Por meio da resiliência, estas mulheres se fortalecem, defendem e impõem o saber-fazer como mecanismos importantes para a reprodução da cultura no território Kalunga. É com base em relatos dos Kalunga que pode-se observar as práticas sociais e culturais como elementos importantes na construção do território. Compreende-se que o território, para efeito dessa que pesquisa, também é “[...] objeto de operações simbólicas e é nele que os atores projetam suas concepções de mundo” (Almeida, 2003, p. 108).

Destarte, as mulheres quilombolas Kalunga aplicam as suas experiências e saberes na produção de elementos necessários para a qualidade de vida da comunidade, de maneira a resistirem às vulnerabilidades encaradas por esta população, que são relatadas pelos Kalunga, como: enchentes devido à proximidade com o rio Paranã, dificuldades de acesso aos fármacos e hospitais, estradas em condições precárias e alto preço do transporte até o centro urbano, os poucos recursos financeiros e a escassez de políticas públicas voltadas para a saúde e bem-estar da população quilombola do nordeste goiano.

Cabe às mulheres o cuidar/cuidado da saúde de suas famílias e dos moradores das comunidades Kalunga. De acordo com o grupo focal (Figura 2) entrevistado em setembro de 2021 na comunidade Saco Grande em Monte Alegre de Goiás, a figura feminina representa a maternidade e o

## Mulheres, Geografia e Saúde: plantas medicinais e benzeção como alternativas de cura no território Kalunga

Jorgeanny de Fatima Rodrigues Moreira

cuidado do lar, dos filhos e dos homens, pois detém a sabedoria necessária para a cura das enfermidades e para a promoção da saúde no local.

**Figura 2.** Grupo Focal em Atividade de Campo



**Fonte:** Foto autoral, 2021.

A atribuição das funções domésticas às mulheres são aspectos importantes dos papéis de gênero que, por sua vez, estão atrelados à divisão sexual do trabalho, ou seja,

[...] os homens são prioritariamente associados à esfera produtiva – isto é, o mundo do trabalho remunerado – e as mulheres à esfera reprodutiva – todo o trabalho de reprodução humana, de cuidado, de afeto, alimentação, limpeza e as demais atividades domésticas necessárias para que as pessoas se mantenham vivas e possam participar das outras esferas sociais: a educação, o trabalho, a política, etc (Brasil, 2014, s/p).

Tanto os lares como os quintais compõem o espaço privado/doméstico, e são de responsabilidade feminina. Tal característica ainda é marcante nas comunidades rurais que mantêm o apelo aos aspectos tradicionais da constituição familiar. Federici (2019, p. 46) argumenta que “como o trabalho doméstico é totalmente naturalizado e sexualizado, uma vez que se torna um atributo feminino, todas as mulheres são caracterizadas

## Mulheres, Geografia e Saúde: plantas medicinais e benzeção como alternativas de cura no território Kalunga

Jorgeanny de Fatima Rodrigues Moreira

por ele”. O cuidar está relacionado ao afeto e ao sentimento maternal, portanto, é delegado às mulheres a função de tratar da saúde familiar, e no território Kalunga isso se realiza por meio dos saberes ancestrais de manipulação das plantas medicinais e da benzeção.

Em outra oportunidade, Federici (2017) apresenta a historicidade da relação das mulheres com a natureza e com a medicina popular. A autora explica que foi a partir da transição do feudalismo para o capitalismo que teve início

[...] a perseguição à curandeira popular, as mulheres foram expropriadas de um patrimônio de saber empírico, relativo a ervas e remédios curativos, que haviam acumulado e transmitido de geração a geração — uma perda que abriu o caminho para uma nova forma de cercamento: o surgimento da medicina profissional, que, apesar de suas pretensões curativas, erigiu uma muralha de conhecimento científico indisputável, inacessível e estranho para as “classes baixas” (Federici, 2017, p. 364).

A dificuldade de acesso à medicina científica e oficial, pelas classes mais baixas, permitiu a manutenção dos saberes ancestrais sobre as plantas medicinais e os processos de cura por meio da benzeção. Em decorrência, manter essas práticas e saberes representava, além dos aspectos culturais, a luta das comunidades tradicionais pela sobrevivência. Destarte, a prática dos saberes populares reproduzidos pelas mulheres Kalunga imbrica-se à resistência dos quilombos, que historicamente vivenciam a negligência e o abandono do poder público. Oliveira (1985, p. 52) explica que “as doenças, como um fenômeno que eclode no corpo, são um reflexo direto de baixos salários, má alimentação, excesso de trabalho, moradia ruim, condições ruins de saneamento básico, condições de insegurança no trabalho, poluição ambiental e outros”. Em consonância, Soek e Mendonça (2022) consideram que

## Mulheres, Geografia e Saúde: plantas medicinais e benzeção como alternativas de cura no território Kalunga

Jorgeanny de Fatima Rodrigues Moreira

[...] a existência da desigualdade de acesso ao bem-estar, representada, geralmente, pela falta de acesso aos serviços de saúde, mas também diretamente relacionada às condições estressantes de marginalização e de exploração sob as quais estão submetidas as classes populares.

É nesse contexto que a organização social e coletiva das comunidades quilombolas, partindo da sociabilidade e solidariedade dos grupos femininos, produz a transmissão dos seus saberes para a promoção da saúde dos indivíduos, como forma de resistência aos modelos da racionalidade científica e técnica da medicina oficial, mas também como resiliência frente à vulnerabilidade que estão expostos nas áreas de serras e morros da microrregião da Chapada dos Veadeiros.

Com base em Dias e Mendonça (2020, p. 276), em uma análise do estado da arte sobre as alternativas no âmbito da Geografia da Saúde, pode-se também inferir que a busca pela medicina tradicional nas comunidades de Monte Alegre de Goiás se deve à “precária oferta de serviços básicos de saúde, mas também pela configuração histórica e cultural, com a pujança dos territórios-poder e os lugares-pertença, revelando cenários e práticas tradicionais aos olhos da modernidade”.

É no Cerrado que os quilombolas encontram meios para a sua existência, com as espécies nativas sendo elementos importantes para a sobrevivência das comunidades, e a relação destas com a natureza permite a conservação e manutenção da biodiversidade. Com base em estudos e pesquisas sobre o Cerrado, Borges e Almeida (2009, p. 4) apontam que esse Bioma “apresenta altos índices de endemismos para as plantas, sendo que das 10.000 de suas espécies, 4.400 é endêmico, o que representa 1,5% de toda a flora mundial”.

Em uma das incursões no território, para a efetivação de trabalho de campo desta pesquisa, em 2021, observou-se que as plantas encontradas no Cerrado são recursos utilizados pelas mulheres para a cura de enfermidades como infecção na garganta, cólicas, bronquite, úlceras estomacais, dentre

## Mulheres, Geografia e Saúde: plantas medicinais e benzeção como alternativas de cura no território Kalunga

Jorgeanny de Fatima Rodrigues Moreira

outras doenças. Durante as caminhadas com as moradoras das comunidades já citadas, elas narravam e descreviam o processo de tratamento que realizavam utilizando as plantas colhidas no mato, geralmente para a produção das garrafadas ou raizadas.

As raizadas são produtos presentes na maioria das casas Kalunga, e são utilizadas para a recuperação de enfermidades em crianças e adultos. A manipulação destas plantas é transmitida de geração em geração, por meio da oralidade, representando, assim, uma tradição, conforme ensina Hobsbawn (2008). De acordo com o autor, a tradição é “um conjunto de práticas [...]; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade” (Hobsbawn, 2008, p. 9). Além de uma inculcação de ideias, observa-se um conjunto de valores da comunidade: curar-se por meio da natureza e pelos saberes ancestrais.

A prática de benzeção também é comum, mas fica restrito às anciãs, consideradas como matriarcas nas comunidades. São elas que efetivam a cura por meio de rezas e orações, que podem ser acompanhadas ou não de ervas encontradas no Cerrado. Em oportunidade de receber a “benzeção”, observou-se o sincretismo religioso enquanto a benzedeira executava os rituais. Geralmente, as benzedeiros Kalunga vestem-se de roupas brancas, rezam em língua parecida com o latim – o que elas nomeiam de ladainha - e invocam santos como Santa Bárbara (Iansã), São Jorge (Ogum), São Lázaro (Omolú) e Virgem Maria (Iemanjá). Soek e Mendonça (2022, p. 308) explicam que

deve-se reconhecer o sincretismo religioso que constitui a própria existência das benzedeiros/os no Brasil, que podem seguir diferentes religiões e, ocasionalmente, manter comunicação entre diferentes crenças, especialmente no que tange ao seu rito de cura que, para além da reza, pode recorrer aos processos simbólicos provenientes de diferentes crenças.

## Mulheres, Geografia e Saúde: plantas medicinais e benzeção como alternativas de cura no território Kalunga

Jorgeanny de Fatima Rodrigues Moreira

Em consonância, a prática de benzeção no território Kalunga apresenta nuances do sincretismo religioso, uma vez que pauta-se em rezas, ladainhas e práticas populares transmitidas por meio da oralidade, e que as matriarcas garantem terem respaldo na ancestralidade, a quem elas chamam de “antepassados” vindos da África. Há de se considerar ainda a presença dos saberes indígenas, uma vez que os quilombos foram espaços em que os povos originários conviviam com os indivíduos trazidos do continente africano.

### Conhecimento popular, saúde e construção do território quilombola Kalunga

Conforme posto, no território Kalunga, as guardiãs dos saberes - ou matriarcas - são agentes imprescindíveis para a saúde e o bem-estar na comunidade. Elas estão associadas às estratégias de cura e enfrentamento das doenças nos quilombos. As serras e morros da Chapada dos Veadeiros já significaram barreiras que impossibilitavam os enfermos acessarem hospitais localizados no espaço urbano.

Nos dias atuais, o acesso ao centro urbano ainda possui obstáculos. As estradas são precárias e o transporte custa caro. De acordo com os moradores das comunidades visitadas, o bilhete do transporte público até a cidade de Monte Alegre custa em torno de oitenta reais. Há indivíduos que possuem meio de transporte próprio, mas o custo com o combustível impossibilita idas constantes à cidade. Portanto, as viagens ao centro urbano são esporádicas e realizadas quando indispensável, de duas a três vezes ao mês. As consultas médicas são agendadas com antecedência, pois é comum faltar médicos no único hospital de Monte Alegre de Goiás. Em casos específicos e/ou mais graves, os enfermos são encaminhados para a cidade vizinha, Campos Belos, que possui hospital com melhor infraestrutura e maior variedade de especialidades médicas. A longa distância e o custo elevado contribuem para que os quilombolas recorram à medicina popular.

## Mulheres, Geografia e Saúde: plantas medicinais e benzeção como alternativas de cura no território Kalunga

Jorgeanny de Fatima Rodrigues Moreira

O uso das plantas medicinais, o parto natural e a benzeção, portanto, são as alternativas de cura e de bem-estar encontradas por aquela população.

É importante ressaltar que durante a pandemia de Covid-19, muitos quilombolas se infectaram ao irem às cidades ou ao receberem visitas vindas de fora do território. Todavia, recorreram ao tratamento alternativo ofertado pelas mulheres benzedeiros e/ou raizeiros. Fato observado em uma das conversas com o líder da comunidade Tinguizal, em julho de 2020, em Monte Alegre de Goiás. Nesta conversa, a liderança afirmou que se curou da Covid-19 apenas com os “remédios caseiros”. Questionado se ele confiava nas raízes e plantas utilizadas no processo de cura de uma doença ainda pouco conhecida, o homem garantiu que todas as gerações Kalunga utilizam deste recurso para o tratamento de diferentes enfermidades, e que a natureza tem tudo que o que é preciso para viver (Sr. T, Kalunga, Comunidade Tinguizal).

Por sua vez, a moradora responsável pela manipulação dos remédios caseiros contra a Covid-19, afirmou que utilizou o Assa-peixe, a Erva Santa Maria, o Açafrão e a Sucupira Branca (Quadro 1) em forma de infusão e chás. Corroborando a explicação de Dias e Mendonça (2020, p. 272) de que os saberes tradicionais e alternativos “se voltam para a saúde humana e se apresentam [...] por uma terapêutica de cuidado e de percepção da saúde, que enxerga o ser humano como um sujeito integrado à natureza e seus fluxos e ciclos”.

## Mulheres, Geografia e Saúde: plantas medicinais e benzeção como alternativas de cura no território Kalunga

Jorgeanny de Fatima Rodrigues Moreira

Quadro 1. Plantas Medicinais utilizadas no Território Kalunga

| Nome popular | Nome Científico                                   | Indicação  | Manipulação             | Forma de uso                                  |
|--------------|---|--|-------------------------|---|
| Assa-peixe   | <i>Vernonia polyanthes</i>                        | Pneumonia e bronquite  | Infusão                 | Via oral                                      |
| Babosa       | <i>Aloe vera</i>                                  | Caspa no couro cabeludo, alergias, urticárias, inflamações                                     | Emplasto                | Via oral                                      |
| Açafrão      | <i>Crocus sativus</i>                             | Inflamações  | Infusão, emplasto, chá  | Via oral                                      |
| Alfavaca     | <i>Ocimum micranthum Willd.</i>                   | Gripe e resfriados   | Infusão, chás           | Via oral                                      |
| Algodão      | <i>Cochlospermum regium</i>                       | Infeções, inflamações, cólicas   | Infusão, chás           | Via oral                                      |
| Arnica       | <i>Arnica montana L</i>                           | Alergias, inflamações, erupções cutâneas   | Emplasto                | Massagem                                      |
| Arruda       | <i>Ruta graveoleons</i><br><i>Uta graveoleons</i> | Ansiedade, reumatismo, cólicas menstruais, inflamação, eliminação de piolhos, infecção fúngica | Infusão, chás, emplasto | Via oral, massagem                            |
| Barbatimão   | <i>Stryphnodendron adstringens</i>                | Inflamação, problemas gastrointestinais  | Emplastos, infusão      | Via oral, banho de assento, massagear na pele |
| Baru         | <i>Dipiterixalata Vog.</i>                        | Controle da anemia, inflamações, fertilidade, disfunção erétil                                 | Óleo                    | Massagear, via oral                           |
| Boldo        | <i>Plectranthus barbatus Andrews</i>              | Infeções gastrointestinais   | Chá                     | Via oral                                      |
| Cagaita      | <i>Eugenia dysenterica</i>                        | Infeções gastrointestinais   | Fruto <i>in natura</i>  | Via oral                                      |
| Calunga      | <i>Símaba ferruginea St, Hil</i>                  | Diabetes, gordura no fígado  | Chás                    | Via oral                                      |
| Capim Santo  | <i>Cymbopogon citratus</i>                        | Gripe, resfriado, tosse  | Chás                    | Via oral                                      |

## Mulheres, Geografia e Saúde: plantas medicinais e benzeção como alternativas de cura no território Kalunga

Jorgeanny de Fatima Rodrigues Moreira

|                             |                                    |  |  |                       |
|-----------------------------|------------------------------------|--|--|-----------------------|
| Curriola                    | <i>Pouteria ramiflora</i><br>Radlk | Resfriado,<br>inflamação, cólicas<br>menstruais; | Consumo do fruto<br><i>in natura</i> , sucos,<br>chás, infusão | Via oral              |
| Hortelã gordo               | <i>Plectranthus amboinicus</i>     | Gripe, febre, tosse                              | Infusão, chás  | Via oral              |
| Jatobá                      | <i>Hymenaea sp.</i>                | Inflamação, infecção,<br>cólica renal            | Fruto <i>in natura</i>   | Via oral              |
| Mastruz ou erva Santa-Maria | <i>Chenopodium ambrisioides</i> L. | Verme, inflamação,<br>feridas na pele            | Chás, emplasto   | Via oral,<br>massagem |
| Pau Santo                   | <i>Kielmeyra coriacea</i><br>Mart. | Infecção,<br>gastrointestinal,<br>cólica renal   | Raizada/garrafada  | Via oral              |
| Sucupira Branca             | <i>Pterodon emarginatus</i>        | Infecção de garganta                             | Macerado com<br>aguardente                                     | Gargarejo             |
| Vergateza                   | <i>Clitoria guianensis</i>         | Disfunção erétil                                 | Chá, garrafada,<br>raizada.                                    | Via oral              |

**Fonte:** Autora, Diário de Campo, 2022; Nomes Científicos: Ministério da Saúde, 2016.

Uma das garrafadas/raizadas muito famosa no território Kalunga é uma mistura de ervas e vinho branco utilizada pelas mulheres para engravidarem. No entanto, as raizeiras não contam quais ervas e plantas são utilizadas na manipulação desse produto, pois é um saber ancestral que deve ser transmitido apenas para outras mulheres Kalunga. Além disso, elas explicam que é necessário rituais de rezas e orações enquanto realizam a produção da mistura.

No território, os moradores recorrem também às benzedeadas que podem ou não dominar a arte de produzir as garrafadas ou remédios caseiros. Elas são figuras ilustres na comunidade e são vistas como importantes guardiãs dos saberes ancestrais. As benzedeadas são responsáveis por levar a cura e a tranquilidade aos enfermos e seus familiares. Por meio de rituais, essas mulheres levam paz àqueles que estão sofrendo com dor, angústia, inquietação ou, em casos mais graves, problemas relacionados à saúde física. Ainda mais comum é a benzeção dos

## Mulheres, Geografia e Saúde: plantas medicinais e benzeção como alternativas de cura no território Kalunga

Jorgeanny de Fatima Rodrigues Moreira

recém-nascidos, e o objetivo é livrá-los do mau-olhado, quebrante, cólicas e outros problemas próprios dessa etapa da infância.

No caso específico do território Kalunga, os sujeitos que recorrem aos cuidados prestados pelas benzedeadas não são “clientes”, pois não há cobrança monetária pelos seus serviços. Os rituais de cura são formas de sociabilidade e solidariedade entre os moradores da comunidade, e as benzedeadas cumprem o papel de apaziguar as mazelas daqueles com quem convivem cotidianamente no mesmo espaço, além de compartilharem os mesmos problemas relacionados à ausência de melhores condições de saúde. São, portanto, indivíduos que pertencem à mesma classe social, tradições, cultura e visão de mundo. Soek e Mendonça (2022, p. 308-309) explicam que “o que permite entender o rito da benzeção não apenas como um rito de cura, mas como uma forma de releitura do mundo, produzida a partir de uma relação de afetividade e solidariedade”. Os autores ainda destacam que “no contexto dos quilombos, benzedeadas/os quilombolas se constituem como agentes de importância simbólica em relação ao próprio território de seus povos” (Soek; Mendonça, 2022, p. 309).

Os espaços escolhidos pelas benzedeadas, para executarem os seus rituais de cura, são àqueles que, segundo elas, “transmitem mais paz e tranquilidade”. O silêncio é um dos termos mais utilizados por elas para associarem à paz ao espírito. Estes espaços são, geralmente, os seus quintais que servem como abrigo para as plantas medicinais e ornamentais, suas hortas, seus animais domésticos, e que recebem visitas de pássaros de diversas espécies, principalmente papagaios, araras azuis e tucanos. São, portanto, espaços territorializados por estas mulheres para garantirem a reprodução e transmissão de seus saberes sobre cura e cuidados.

Tanto as benzedeadas como os seus “pacientes” relatam que a relação com a natureza, durante o ritual, é importante para o processo de cura porque ela parte da espiritualidade para o corpo, ou seja, do imaterial/intangível para o material/tangível. Sobre isso, Soek e Mendonça

## Mulheres, Geografia e Saúde: plantas medicinais e benzeção como alternativas de cura no território Kalunga

Jorgeanny de Fatima Rodrigues Moreira

(2022, p. 309) explicam que “os espaços de cura são, comumente, formados e percebidos principalmente sob os conceitos de lugar e paisagem, [...], observando suas possíveis contribuições terapêuticas ao tratamento dos pacientes”.

Durante a atividade de campo realizada em agosto de 2022 foi possível presenciar uma das guardiãs dos saberes prestando atendimento ao indivíduo com sintomas de infecção urinária. A matriarca da comunidade Saco Grande providenciou mudas de alface de sua própria horta e preparou uma infusão. A recomendação foi a ingestão de duzentos milímetros dessa bebida a cada um litro de água. Em outra ocasião houve a oportunidade de participar de um ritual de benzeção, que ocorreu em um quintal na Comunidade Riachão também no município de Monte Alegre de Goiás. As orações e rezas foram realizadas em voz baixa enquanto a benzedeira invocava santos como São Jorge e Santa Bárbara. Após os rituais, os indivíduos que buscavam pela alternativa de cura e bem-estar garantiram que se sentiam melhores e mais tranquilos.

Observa-se que o território Kalunga também é constituído por elementos intangíveis/imateriais calcados nos saberes e ancestralidade, em que a culturalização da natureza e do bioma Cerrado é imprescindível. Haesbaert (2010) explica que a dimensão cultural do território se dá numa dimensão simbólica e subjetiva do espaço. O território, portanto, pode ser compreendido como uma apropriação/valorização simbólica de um grupo em relação ao seu espaço vivido e as suas práticas sociais e culturais.

## Considerações Finais

Realizar uma pesquisa sobre as plantas medicinais e a prática de benzeção em uma comunidade tradicional é desafiador do ponto de vista científico. Observar e compreender a cosmovisão da população quilombola marcada por luta pelo direito à terra, de viver e coexistir com a

## Mulheres, Geografia e Saúde: plantas medicinais e benzeção como alternativas de cura no território Kalunga

Jorgeanny de Fatima Rodrigues Moreira

biodiversidade do Cerrado - de onde sempre tiraram a sobrevivência, produziram e construíram suas territorialidades - marca um novo significado de fazer pesquisa, a partir de um olhar decolonial. A confiança demonstrada pelos Kalunga nas práticas de cura realizadas pelas matriarcas comprova a relação intrínseca de respeito e entrega à natureza.

O primeiro caso de Covid-19 no território Kalunga de Monte Alegre de Goiás ocorreu ainda no mês de julho de 2020. A desconfiança acerca das medidas sanitárias adotadas pelo Ministério da Saúde contribuiu para que o enfermo se recusasse a procurar um hospital na cidade mais próxima. Visto a recusa de tratamento médico, o portador da doença optou pelo tratamento junto às guardiãs dos saberes, recorrendo às garrafadas, infusões, chás e benzeção. Essa atitude vai ao encontro do que afirma Quijano (2005, p. 11) “em uma cultura colonizada, a relação do paciente para com o médico é a de desconfiança, enquanto permanece a confiança nos métodos tradicionais”.

Frente a um modelo capitalista cada vez mais emparelhado ao neoliberalismo, as mulheres quilombolas não precificam o seu trabalho de raizeira/benzedeira/curandeira aos seus pares. A comercialização destes produtos é realizada aos visitantes, turistas e moradores do centro urbano. Oliveira (1985, p. 38) aponta que “é no próprio modo de produzir as suas medicinas populares que essa população resiste política e culturalmente à opressão imposta pelas classes dominantes”.

Contudo, sabe-se que os medicamentos feitos com as plantas medicinais têm chamado a atenção das grandes corporações, e os chamados fitoterápicos ganham cada vez mais espaço nas mídias e conquistam as classes dominantes. Existem protocolos na Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) que cumprem um rigoroso processo de produção e controle de qualidade dos fitoterápicos. Todavia, para as comunidades tradicionais, o remédio caseiro e os rituais de benzeção constituem conhecimento, tradição, visão de mundo e a conexão com a ancestralidade.

## Mulheres, Geografia e Saúde: plantas medicinais e benzeção como alternativas de cura no território Kalunga

Jorgeanny de Fatima Rodrigues Moreira

A experiência e a vivência das mulheres quilombolas permitem que elas reconheçam o poder de cura de cada planta encontrada no Cerrado. Sabem que algumas plantas podem ser tóxicas e promover prejuízo à saúde se não indicada corretamente. Entretanto, as guardiãs dos saberes Kalunga identificam àquelas substâncias que são nocivas e que devem ser descartadas ou utilizadas para outro fim. Esses conhecimentos são adquiridos por meio da experiência empírica e da tradição oral, que podem ocorrer por meio da tentativa e acerto, uma vez que os efeitos tóxicos podem ser provocados pelo uso de dose excessiva ou por tempo prolongado.

Os “remédios caseiros” tem todo o processo de preparo realizado pelas mulheres Kalunga, portanto, são elas as responsáveis por identificar, colher, higienizar e preparar a raizada, infusão ou emplastos, bem como indicar os procedimentos de armazenamento, conservação e as reações adversas.

Por fim, o conhecimento popular no território Kalunga consiste em resistência e luta para a manutenção dos valores e saberes tradicionais advindos da ancestralidade, tendo em vista que com a mobilidade dos mais jovens aos centros urbanos surgem os questionamentos sobre a eficácia das alternativas, posto que o conhecimento das matriarcas é questionado pela racionalidade científica da medicina oficial incorporada ao cotidiano dos quilombolas que migram para as cidades, situação que precisa ser melhor aprofundada por meio de pesquisas futuras junto à juventude Kalunga.

## Mulheres, Geografia e Saúde: plantas medicinais e benzeção como alternativas de cura no território Kalunga

Jorgeanny de Fatima Rodrigues Moreira

### Referências

AGUIAR, Vinicius Gomes. Sítio Histórico Kalunga (GO): relevo e sua relação com o uso e ocupação das terras. *In: CONGRESSO LUSO AFRO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS: DIVERSIDADES E (DES) IGUALDADES*, 11., 2011, Salvador. **Anais** [...]. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2011. 11p. Disponível em: [https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/133/o/vinicius\\_territorio.pdf](https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/133/o/vinicius_territorio.pdf). Acesso em: 16 de julho de 2022.

ALMEIDA, Maria Geralda. Cultura ecológica e biodiversidade. **Mercator - Revista de Geografia da UFC**, Fortaleza, ano 2, n. 3, p.71-82, jun./jul. 2003.

ALMEIDA, Maria Geralda. Territórios de Quilombolas: pelos vãos e serras dos Kalunga de Goiás – patrimônio e biodiversidade de sujeitos do Cerrado. **Ateliê Geográfico**, Goiânia, v. 4, n. 1, 2010. Edição Especial.

ALMEIDA, Maria Geralda. Comunidades tradicionais quilombolas do nordeste de Goiás: quintais como expressões territoriais. **Confin**, [s.l.], n. 29, 2016. DOI: <https://doi.org/10.4000/confin.11392>

ALVES, Rubem. **Filosofia da Ciência**: introdução ao jogo e suas regras. São Paulo: Editora Brasiliense, 1981.

BORGES, Viviane; ALMEIDA, Maria Geralda. **O Cerrado Brasileiro além da pecuária, soja e da cana-de-açúcar, a sua sociobiodiversidade em questão**. *In: Observatório Geográfico da América Latina*. Disponível em: <http://www.observatoriageograficoamericalatina.org.mx/egal12/Geografiasocioeconomic/a/Geografiaeconomica/02.pdf> Acesso em: 25 de setembro de 2023.

BOURDIEU, Pierre. **A Economia das Trocas Simbólicas**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2015.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos. Departamento de Assistência Farmacêutica. **Política e Programa Nacional de Plantas Mediciniais e Fitoterápicos**. Brasília: Ministério da Saúde, 2016.

BRASIL. Fundação Cultural Palmares. **Certidões expedidas às comunidades remanescentes de quilombolas**. Disponível em: [https://www.gov.br/palmares/pt-br/departamentos/protacao-preservacao-e-articulacao/copy\\_of\\_CRQs\\_CERTIFICADAS\\_versao\\_31\\_01\\_241.pdf](https://www.gov.br/palmares/pt-br/departamentos/protacao-preservacao-e-articulacao/copy_of_CRQs_CERTIFICADAS_versao_31_01_241.pdf) Acesso em 26 de setembro de 2023.

## Mulheres, Geografia e Saúde: plantas medicinais e benzeção como alternativas de cura no território Kalunga

Jorgeanny de Fatima Rodrigues Moreira

BRASIL. Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania. **Os papéis de gênero tradicionais e a divisão sexual do trabalho**. 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/navegue-por-temas/politicas-para-mulheres/arquivo/assuntos/poder-e-participacao-politica/programas-aco-es/de-um-lado-os-papeis-de-genero-tradicionais-e-a-divisao-sexual-do-trabalho>. Acesso em: 29 de setembro de 2023.

CARRIL, Lourdes de Fátima B. Quilombo, Território e Geografia. **Agrária**, São Paulo, n. 3, p. 156-171, 2006. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/agraria/article/view/92/91>. Acesso em: 16 de julho de 2022.

DIAS, Mariana Andreotti; MENDONÇA, Francisco. Alternatividades em Saúde Humana e a Geografia da Saúde. **Hygeia - Revista Brasileira de Geografia Médica e da Saúde**, Uberlândia, v. 16, p. 264–281, 2020. DOI 10.14393/Hygeia16056781

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a bruxa**: mulheres, corpo e acumulação primitiva. São Paulo: Editora Elefante, 2017.

FEDERICI, Silvia. **O ponto zero da revolução**: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista. São Paulo: Editora Elefante, 2019.

FERNANDES, Bernardo Mançano. Território Camponês. *In*: CALDART, Roseli Salette; PEREIRA, Isabel Brasil; ALENTEJANO, Paulo; FRIGOTTO, Gaudêncio; (org.). **Dicionário da Educação do Campo**. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

GOIÁS. **Lei nº 11.409, de 21 de janeiro de 1991**. Dispõe sobre o Sítio Histórico e Patrimônio Cultural. 1991. Disponível em: [files.cercomp.ufg.br/weby/up/133/o/lei\\_11.409-91.pdf](files.cercomp.ufg.br/weby/up/133/o/lei_11.409-91.pdf) Acesso em: 18 de novembro de 2023.

GOIÁS. **Zoneamento Geoambiental e Agroecológico do Estado de Goiás**: Região Nordeste. Rio de Janeiro: IBGE, 1995.

GOIÁS. **Lei complementar n.º 19, de 05 de janeiro de 1996**. Dispõe sobre sítio histórico e patrimônio cultural que especifica. 1996. Disponível em: <https://cpisp.org.br/lei-complementar-n-o-19-de-05-de-janeiro-de-1996/> Acesso em: 18 de novembro de 2023.

HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização**: do fim dos territórios à multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

HOBBSAWN, Eric. Introdução: A invenção das Tradições. *In*: HOBBSAWN, Eric; RANGER, Terence (org.). **A Invenção das Tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

KHIDIR, Kaled Sulaiman. **Práticas Socioculturais Quilombolas para o Ensino de Matemática**: mobilizações de saberes entre Comunidade e Escola. 2018. 190 f. Tese

## Mulheres, Geografia e Saúde: plantas medicinais e benzeção como alternativas de cura no território Kalunga

Jorgeanny de Fatima Rodrigues Moreira

(Doutorado em Educação em Ciências Matemáticas) - Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemáticas, Instituto de Educação Matemática e Científica, Universidade Federal do Pará, Pará.

MENDONÇA, Francisco. Tradição e modernidade nos cuidados com a saúde humana: Desafios e potencialidades à geografia da saúde. *In*: GURGEL, Helen; BELLE, Nayara (org.). **Geografia e Saúde: Teoria e Método na Atualidade**. Brasília: Editora da Unb - Universidade de Brasília, 2019.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. *In*: MINAYO, Maria Cecília de Souza *et al.* (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Editora Vozes, 1993

Autora do texto. publicação da autora. **Revista Brasileira de Ecoturismo**, [s.l.], v. 6, n.3, p. 708-721, 2013.

NOVAIS, Giuliano Tostes. Classificação Climática aplicada ao Estado de Goiás e ao Distrito Federal, Brasil. **Boletim Goiano de Geografia**, Goiânia, v. 40, n. 01, p. 1–29, 2021. DOI: 10.5216/bgg.v40i01.62297. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/bgg/article/view/62297> Acesso em: 16 de julho de 2022.

OLIVEIRA, Elda Rizzo de. **O Que É Medicina Popular**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

PEDROSO, Reginaldo dos Santos; ANDRADE, Géssica; PIRES, Regina Helena. Plantas medicinais: uma abordagem sobre o uso seguro e racional. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 31, n. 2, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/physis/a/kwsS5zBL84b5w9LrMrCjy5d>. Acesso em: 30 de setembro de 2023.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. *In*: LANDER, E. A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais, perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO, 2005.

SANTOS, Marcelo Guerra; CARVALHO, Ana Cecília Bezerra. Plantas medicinais: saberes tradicionais e o sistema de saúde. *In*: SANTOS, Marcelo Guerra; QUINTERO, Mariana (org.). **Saberes tradicionais e locais: reflexões etnobiológicas**. Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 2018.

SOEK, Felipe José; MENDONÇA, Francisco. Benzedeiros/os, bem-estar e socioespacialidade. **Hygeia - Revista Brasileira de Geografia Médica e da Saúde**, Uberlândia, v. 18, p. 303–312, 2022. DOI: 10.14393/Hygeia1862547. <https://seer.ufu.br/index.php/hygeia/article/view/62547>. Acesso em: 30 de setembro de 2023.



## Mulheres, Geografia e Saúde: plantas medicinais e benzeção como alternativas de cura no território Kalunga

Jorgeanny de Fatima Rodrigues Moreira

### Notas

1. Resultados preliminares de pesquisa realizada durante ações de extensão financiadas pelo Ministério das Mulheres (2020-2022).

### Agradecimentos

Às mulheres Kalunga pela receptividade e acolhimento, e pela colaboração nas atividades in lócu. À Professora Doutora Maria Geralda de Almeida (*in memoriam*) pelo convite para o projeto de pesquisa e extensão no Território Kalunga. Ao Ministério das Mulheres pela bolsa de incentivo à pesquisa e extensão.

## Mulheres, Geografia e Saúde: plantas medicinais e benzeção como alternativas de cura no território Kalunga

Jorgeanny de Fatima Rodrigues Moreira

### Publisher

Universidade Federal de Goiás. Instituto de Estudos Socioambientais. Programa de Pós-graduação em Geografia. Publicação no Portal de Periódicos UFG.

As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

### Contribuição dos autores

**Jorgeanny de Fatima Rodrigues Moreira**, Professora Adjunta da Universidade Federal do Tocantins (Câmpus Arraias). Professora colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Tocantins (Câmpus Porto Nacional). Pesquisadora Colaboradora do Laboratório de Estudos e Pesquisas das Dinâmicas Territoriais / IESA-UFG. Mestre e Doutora em Geografia pelo Instituto de Estudos Socioambientais da Universidade Federal de Goiás. Graduada em Geografia pela Universidade Federal de Goiás e em Planejamento Turístico pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás.

Data de recebimento: 02 de dezembro de 2023

Aceite: 07 de fevereiro de 2024

Publicação: 29 de fevereiro de 2024